

Devo e não nego

Cenatexto

Você viu na aula passada uma conversa entre Eduardo e Meire sobre contas a pagar, uma das rotinas da vida doméstica. Eles não chegaram a um consenso, nem encontraram uma solução para o atraso no pagamento das contas de água, luz e outras mais. Veja como as coisas estão se desenrolando.

O operário leva um susto quando seu colega anuncia que há uma ligação pra ele. Mal diz “alô”, começa a ouvir a fala ininterrupta da esposa.

- *Eduardo, não dá mais pra ficar assim. Você sabe que cortaram a luz, de novo, por falta de pagamento? Agora é aquele trabalhão todo: se você não tiver a conta, teremos de pegar a segunda via, enfrentar o banco e depois ainda pedir a religação. Fora isso, vamos pagar uma taxa pra religar a luz.*

- *Meire, não adianta me ligar na fábrica, no meio do expediente. Não posso resolver isso agora. O banco já fechou aqui e, mais a mais, não tenho grana.*

- *Mas, Eduardo, não é possível. Você sem dinheiro significa ficar sem luz até quando? Não dá. Como os meninos vão estudar? E a pequenininha, vai tomar banho frio? Como vou, à noite, mexer na cozinha? Você arruma o dinheiro ou vou fazer o que você vem me proibindo este tempo todo: voltar a trabalhar e evitar que coisas como essa aconteçam.*

Bastante irritados, os dois desligaram o telefone e cada um, em seu canto, remoía o problema. Eduardo sentia-se como um peixe fora d’água; não sabia lidar com esse desejo que sua mulher tinha de trabalhar fora. Numa situação dessas isso significava, pensou ele, “entregar o ouro ao bandido”. Em sua casa, ainda assentada ao lado do telefone, Meire, num momento de muita irritação, lembrava-se de seu marido que às vezes comentava: “cada macaco no seu galho”, justificando sua posição quanto aos papéis do homem e da mulher, dentro de casa. Mas foi naquele momento que ela decidiu que voltaria a ser manicure. Ela tinha deixado o emprego quando vieram os meninos. O marido nunca gostou que trabalhasse fora e os filhos se tornaram desculpa providencial.

Ali no conjunto já tinha suas amigas e algumas freguesas antigas. Todas insistiam para que Meire voltasse a fazer unhas. Assim, resolveu aproveitar o período em que os filhos estivesse na escola para trabalhar. Depois de tomar essa decisão, foi direto à casa de Jane, uma amiga que morava a três casas adiante.

- *O que foi Meire? Por que você está assim aflita?*

- *Cortaram a luz lá de casa porque a gente não pagou a conta. Eu preciso resolver isso ainda durante o dia, a tempo de encontrar os bancos abertos. Você teria um dinheiro para me emprestar? Seria um adiantamento, pois decidi que vou voltar a trabalhar, queira Eduardo ou não.*

- *Meire, tenho um dinheiro e posso emprestar. Vai cuidar de sua vida. Depois a gente conversa sobre as unhas. Quero ver você trabalhando como eu.*

Meire saiu feliz da casa de Jane. Não só tinha arrumado o dinheiro, como tinha decidido de uma vez que voltaria a trabalhar. Ela gostava do que fazia e sua profissão lhe daria mais segurança e, pensava ela, a satisfação de ter seu dinheiro.

Em casa, Meire arrumou-se rapidamente. Deixou seu filho mais velho tomando conta da irmã menor e saiu apressada. Tinha que correr para pegar a segunda via da conta e, só então, efetuar o pagamento no banco. Com a conta na mão, Meire garantiu um lugar na fila de uma agência bancária e respirou aliviada, pois ainda eram 15h30 min e sua expectativa era ver o problema resolvido ainda naquela tarde.



Observe como o problema central de nossos personagens foi formulado no início da Cenatexto: *Eles não chegaram a um consenso nem encontraram uma solução.* Veja como a palavra *consenso* aparece no dicionário:

consenso. [Do lat. *consensu*.] s.m. Conformidade, acordo ou concordância de idéias, de opiniões.

1. Agora que você já sabe o que significa a palavra *consenso*, reescreva a frase da Cenatexto com outras palavras.

.....

2. Temos na Cenatexto a seguinte frase: (...) *começa a ouvir a fala ininterrupta da esposa.* Consulte o dicionário e indique o que significa a palavra em destaque.

.....

3. Embora seja comum ouvir a palavra *interrupta* como sinônima de *ininterrupta*, elas não significam a mesma coisa. Consulte o dicionário e aponte a diferença.

.....

4. Explique o que significam as seguintes expressões da Cenatexto:

Peixe fora d'água:
Entregar o ouro ao bandido:

5. Na Cenatexto há o adjetivo *providencial*. Releia o parágrafo em que ele aparece, consulte o dicionário e indique o sentido adequado ao contexto em que ele foi usado.

.....

Dicionário

Entendimento

1. Na Cenatexto desta aula, Meire continua reclamando para Eduardo quanto ao atraso no pagamento das contas. Há, no entanto, dois pontos novos na “ladainha” da Meire: um problema acontecido (um fato) e uma ameaça. Aponte-os.
2. O que Eduardo queria dizer quando pensou que, se concordasse que a esposa fosse trabalhar fora de casa, seria o mesmo que *entregar o ouro ao bandido*?
3. Sabendo que há na Cenatexto a seguinte frase *e os filhos formaram-se desculpa providencial*, responda:
 - a) Quem usava essa desculpa?
 - b) Os filhos eram desculpa para quê?
 - c) Por que era “providencial”?
4. Quais foram os dois problemas que Meire resolveu com a visita à amiga Jane?



Aprofundando

Na aula anterior você viu que podemos classificar as *orações coordenadas* em *sindéticas* e *assindéticas*. Viu também que para fazer essa classificação é preciso observar se a oração é introduzida ou não por um conectivo.

Nesta aula você verá que também classificamos as orações coordenadas considerando as relações existentes entre elas.

Quanto a essas relações, podemos classificá-las em:

aditivas: relação de adição, enumeração, sucessividade; duas orações são somadas.

adversativas: relação de oposição, contraste, compensação; uma oração se opõe à outra.

alternativas: relação de alternância, exclusão; uma oração exclui a outra.

conclusivas: relação de consequência, decorrência; uma oração serve de conclusão para a outra.

explicativas: relação de explicação, justificativa; uma oração explica a outra.

Conheça alguns conectivos que introduzem as *orações coordenadas sindéticas*:

<i>aditivas</i>	(e, nem, não só... mas também, não só... como ainda etc.)
<i>adversativas</i>	(mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto etc.)
<i>alternativas</i>	(ou, ora... ora, já... já etc.)
<i>conclusivas</i>	(portanto, logo, pois (depois do verbo) etc.)
<i>explicativas</i>	(porque, que, pois (antes do verbo) etc.)

1. Reescreva as orações formando períodos compostos. Observe a relação sugerida e use o conectivo adequado. Veja o modelo.

Eduardo é sonhador (adversidade) Meire é realista

Eduardo é sonhador, mas Meire é realista

a) *Eduardo não pagou as contas (conclusão) a luz será apagada.*

.....
b) *Meire ligou para Eduardo (adição) reclamou muito.*

.....
c) *A luz voltou (explicação) Meire pagou a conta.*

2. Procure na Cenatexto alguns períodos compostos por coordenação e diga qual a relação entre as orações.

.....
.....
.....
.....
.....

Na Cenatexto, você viu que Meire e Eduardo têm uma grande divergência: ela quer trabalhar fora e ele não deixa. Ela precisa de mais autonomia, mais liberdade e também gostaria de colaborar na solução dos problemas financeiros da família. Por outro lado, ele acha que pode dar conta do recado sozinho. Essa é uma situação freqüente entre casais.

Esse é um assunto muito delicado, mas certamente você já deve ter uma opinião formada a esse respeito.

Elabore um parágrafo que contenha todos os possíveis argumentos de Eduardo para que Meire não trabalhe fora de casa. Em seguida, elabore outro parágrafo com todos os possíveis argumentos de Meire para trabalhar. Se quiser, releia a Cenatexto.

Mãos à obra e bom trabalho!

1. Argumentos de Eduardo

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

2. Argumentos de Meire

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Reescrita



Arte e vida

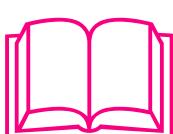
Você viu, na aula anterior, que existem autores que preferem retratar a realidade tal como ela se apresenta. Viu também que esses autores são chamados de realistas e seu estilo de época é o *Realismo*. Agora você verá que, dentro do Realismo, surge uma outra corrente literária.

Naturalismo

No *Naturalismo* (Realismo levado ao extremo) há um exagero perante a tendência de evidenciar os aspectos doentios e brutais da realidade.

A *narrativa naturalista* valoriza o coletivo, sobretudo os grupos humanos marginalizados. São enfatizados os instintos naturais; o homem é, muitas vezes, comparado aos animais. Alguns romances naturalistas apresentam descrições detalhadas de atos sexuais. O homossexualismo também aparece em alguns romances. Nesse estilo de época era comum a obediência aos instintos naturais, uma vez que o personagem não podia ser reprimido em suas manifestações instintivas.

O *Naturalismo* faz uma vigorosa análise da sociedade e de seus problemas. O texto abaixo é um fragmento do livro *O mulato*, de Aluísio Azevedo. Observe como o autor mostra, sem rodeios, um aspecto problemático da sociedade: o racismo.



O Mulato

– Mas então?! Se é meu amigo, que diabo! diga-me a razão com franqueza! tire-me, por uma vez, deste maldito inferno da dúvida! declare-me o segredo da sua recusa, seja qual for, ainda que seja uma revelação esmagadora! Estou disposto a aceitar tudo, tudo! menos o mistério, que esse tem sido o tormento de minha vida! Vamos, fale! suplico-lhe por... aquele que caiu assassinado! – E apontou na direção da cruz. Era seu irmão e dizem que meu pai... \ Pois bem, peço-lhe por ele que me fale com franqueza! Se sabe alguma coisa dos meus antepassados e do meu nascimento, conte-me tudo! Juro que lhe ficarei reconhecido por isso! Ou, quem sabe serei tão desrespeitável a seus olhos, que nem sequer lhe mereça tão miserável prova de confiança?

– Não! não! ao contrário, meu amigo! Eu até levaria muito em gosto o seu casamento com a minha filha, no caso de que isso tivesse lugar!... E só peço a Deus que lhe depare a ela um marido possuidor das suas boas qualidades e do seu saber; creia, porém, que eu, como bom pai, não devo, de forma alguma, consentir em semelhante união. Cometeria um crime se assim procedesse!...

- Com certeza há parentesco de irmão entre ela e eu!...*
- Repare que me está ofendendo...*
- Pois defenda-se, declarando tudo de uma vez!*
- E o senhor promete não se revoltar com o que disser!...*
- Juro! Fale!...*

Manuel sacudiu os ombros e resmungou depois, em ar de confidência:

- Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava...*
- Eu?!*
- O senhor é um homem de cor! Infelizmente esta é a verdade...*

Raimundo tornou-se lívido. Manuel prosseguiu, no fim de um silêncio:

– Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! o senhor porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento, além do que, para realizá-lo teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!...

Fonte: Aluísio de Azevedo. *O Mulato*. 19^a ed. São Paulo, Martins, 1974, Pág. 205-6.

Veja agora alguns dados sobre a vida de Aluísio Azevedo, grande escritor naturalista brasileiro:

A U L A

66

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu a 14 de abril de 1857, em São Luís do Maranhão, e morreu a 21 de janeiro de 1913, em Buenos Aires. Trabalhou como caricaturista na imprensa, tendo atacado em seus romances os conservadores, a sociedade do Maranhão e o clero. Escreveu o primeiro romance naturalista brasileiro, intitulado *O Mulato*.

Observe que a letra da música a seguir contém uma característica muito significativa ao *Naturalismo*: o homem é comparado aos animais.

Saideira

Como dois animais

*Uma moça bonita
de olhar agateado
deixou em pedaços
o meu coração*

*Uma onça pintada
e seu tiro certeiro
deixou os meus nervos
de aço no chão
Foi mistério e segredo
e muito mais
foi divino o brinquedo
e muito mais
se amar como dois animais*

*Meu olhar vagabundo
de cachorro vadio
olhava a pintada
e ela estava no cio*

*Era um cão vagabundo
e uma onça pintada
se amando na praça
como os animais.*



Fonte: Alceu Valença. *Como dois animais*. Em: *Cavalo de Pau*. LP. Ariola n° 201647, 1982. L. A, F. 3.